

# **Gordinhas do século XXI: sociabilidade e erotismo entre gordinhas e seus admiradores na cidade de São Paulo<sup>1</sup>**

Igor Costa Pereira de Souza (DA/FFLCH/USP – São Paulo)

RESUMO: O texto aqui proposto tem por temática problematizar como marcadores sociais da diferença (raça, gênero, idade e classe social) são operacionalizados e articulados por mulheres autodenominadas de gordinhas e seus admiradores (As categorias gordinhas, operadas e admiradores são categorias êmicas e foram desenvolvidas, aparentemente, já nos primeiros meses de encontros dos grupos e tais categorias se encontram em disputas constantes). Estes sujeitos procuram, através de eventos temporal e espacialmente limitados, a produção de subjetividades centradas a partir de um dos estigmas mais presentes em seus corpos e individualidades: a gordura. Através do excesso corporal é materializado um mercado erótico e identitário de trocas de saberes médicos que, em conjunto com a formação de uma rede de trocas eróticas possibilitam, a seus participantes, tanto uma inserção em um mercado desejos quanto a possibilidade de ressignificação e posituação de seus corpos. O artigo, de caráter etnográfico e aliado a uma revisão da bibliografia preliminar se propõe a um diálogo maior com os chamados fat studies norte-americanos. O grupo de gordinhas é composto por mulheres na faixa de seus trinta anos para cima e, em sua maioria, mulheres brancas, moradoras de áreas não centrais e um expressivo número de seus membros é composto por funcionárias públicas. Os admiradores, por sua vez, são grupos compostos por homens entre vinte e quarenta anos, negros e moradores de regiões periféricas da cidade. Em levantamento prévio constatou-se que a maioria dos admiradores era composta por trabalhadores não formais (ambulantes, motoboys e até a presença de dois atores profissionais que prestam serviços publicitários). Além da uma diferença entre faixas de renda e estabilidade de ocupação profissional é aparente uma diferenciação em termos de formação educacional: enquanto a maioria da gordinhas possuem diploma de ensino superior, os admiradores, em sua maioria, apresentam formação até o ensino médio completo. Além dos aspectos envolvidos na sociabilidade, como o conhecer pessoas, trocar experiências e formar novas alianças, esses encontros, seja em parques públicos ou em localidades privadas como sítios na região metropolitana de São Paulo, fortalecem o surgimento de um intenso mercado de trocas eróticas, trocas essas, virtuais e/ou físicas. A subversão do padrão de beleza ideal, no qual, a falta de gordura corporal representaria a beleza é substituído pelo seu oposto: quanto mais gordura corporal melhor. O excesso, tanto de tamanho corpóreo quanto de quantidade de comida e bebida nos encontros, são valorizados, tendo assim, por contramão a recusa ao policiamento alimentar e a obrigação moral do autocontrole e dos modos na hora de se alimentar.

Palavras-chave: Corporalidade, Sexualidade, Gordura

"Somos gordinhas. Minha mãe é gorda, mas eu sou gordinha. Ela (mãe) não se vê bem e nós sim. Somos as novas gordinhas, as gordinhas do século XXI"  
Alexxxandra, 30 anos, jun/2014.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

"O Brasil é gordo mesmo e vocês institucionalizaram a gordura em assentos reservados" fala de um pesquisador norteamericano durante uma conversa em um congresso de Antropologia (LAGO) na Tulane University (Nova Orleans) em 2014.

## 1. A Discussão das Gordinhas

Em uma tarde quente do mês de junho de 2014 cinco mulheres<sup>2</sup> discutem arduamente. Todas elas, acima dos cem quilos, caminham decididamente para a entrada do Parque Guarapiranga, localizado no extremo sul da capital paulista. Em meio aos olhares de diversos transeuntes, essas mulheres, autodenominadas de *gordinhas*<sup>3</sup>, caminham para o segundo encontro organizado por Foxx, um *admirador* e morador da região sul da cidade. Foxx e outros admiradores já estão no parque desde as sete horas da manhã, pois não é possível reservar as churrasqueiras públicas para eventos. Bolos, carnes, farofa, doces e muitas bebidas alcoólicas fazem parte destes eventos que são, com maior frequência, organizados por *admiradores* das *mulheres gordinhas*.

Ao chegarem até o espaço reservado para o encontro, as cinco mulheres acima mencionadas, convidam os presentes para sua discussão. Seria possível acreditar em um homem que se diz *admirador de gordinhas*, participa dos encontros e mesmo sai com algumas mulheres do grupo, mas que no cotidiano é a mão de uma mulher magra que ele segura e caminha cotidianamente pelas ruas da cidade? Como acreditar que este homem é realmente *gordófilo*<sup>4</sup> se é com uma mulher magra que ele é casado? A discussão ganha ânimo entre os participantes que entre uma bebida aqui e um pedaço de carne ali chegam

---

<sup>2</sup> A entrada do pesquisador no campo ocorreu em fins de 2013 através de uma amiga pessoal que também é *gordinha*. Após o surgimento do interesse no tema de pesquisa e na formulação de um quadro conceitual em termos antropológicos, o autor, já é reconhecido no campo como pesquisador. Desde o início das idas ao campo foi-se procurado esclarecer os objetivos da realização de uma pesquisa e a orientação sexual do pesquisador também foi esclarecida sendo que o namorado do mesmo também participou de alguns encontros. Entendemos que desta maneira possíveis interesses afetivos e/ou sexuais por parte das *gordinhas* e mesmo do estabelecimento de alguma disputa com os *admiradores* foram diminuídos.

<sup>3</sup> Todos os termos êmicos serão escritos em *itálico*

<sup>4</sup> O *gordófilo* se refere aquela pessoa ou grupo que frequenta e/ou tem interesses sexuais/afetivos por mulheres tidas por gordas. Desta maneira, *gordinhas*, *operadas* e *admiradores* se encontrariam inseridos dentro de um campo semântico e de significados comuns que delimitariam os de dentro e os de fora deste universo.

em uma conclusão intermediária: para assumir uma *gordinha* o homem que ser muito *macho*<sup>5</sup>.

Os encontros entre *gordinhas* e *admiradores* são organizados por redes sociais virtuais e normalmente ocorrem em áreas públicas afastadas do centro como parques e praças, mas também podem ocorrer em espaços fechados como baladas, buffets e casas de swing. O flerte e a paquera já se iniciam por conversas e trocas de fotos por meios virtuais e os encontros físicos podem ou não fortalecer esses laços. Os grupos de *gordinhas* e seus *admiradores*, assim, possuem uma frequência de encontros mensais e que são flutuantes tanto em espaços físicos e sociais distintos.

Se os primeiros grupos virtuais de *gordinhas* eram formados por mulheres interessadas em trocas de roupas acima do tamanho<sup>6</sup> GG e em um intercâmbio maior sobre informações relacionadas a médicos e intervenções cirúrgicas, a partir do final da primeira década do século XXI encontros de cunho erótico, sexual e afetivo já começam a se estabelecer dentro do universo pesquisado.

Em levantamentos da pesquisa, mais recentemente, foram encontrados cerca de 20 grupos de *gordinhas* que se encontram regularmente em diversos espaços da cidade de São Paulo. A comunicação virtual, por sua vez, teve papel preponderante na disseminação destes grupos, dos formatos de seus encontros e nos modos de ressignificação de estigmas<sup>7</sup> associados a gordura corporal. Este ativismo gordo<sup>8</sup> que

---

<sup>5</sup> É possível ver que a categoria macho é negociada a partir de características que os admiradores teriam, em especial, o de assumir uma *gordinha* em público. Assim, as características de masculinidade estariam, também, associadas a uma performance pública de demonstração de carinho, afeto e desejo.

<sup>6</sup> Sobre a expansão do mercado plus-size em São Paulo, Marcella Betti (2013), aponta duas possíveis justificativas: “Uma das justificativas dadas por estas profissionais para explicar o crescimento do segmento se apóia na percepção de que a população brasileira engordou. Elas citam dados estatísticos do Ministério da Saúde que apontam que quase metade (49%) da população adulta está acima do peso. Isto teria como resultado uma crescente demanda por roupas de tamanho maior, que precisa ser atendida pelo mercado. Outra justificativa é a de que as consumidoras *gordinhas* se tornaram mais exigentes com relação às roupas. Um discurso muito presente no campo argumenta que estas mulheres, assim como “qualquer mulher”, também gostam de moda e querem usar roupas que sigam as tendências do momento” (BETTI, 2013, p.03)

<sup>7</sup> Erving Goffman (1981) tipifica estigma em três categorias possíveis:

“Podemse mencionar três tipos de estigma nitidamente diferentes. Em primeiro lugar, há as abominações do corpo as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas

crece em meados dos anos 2000, por sua vez, vem se disseminando em diversas plataformas online com ramificações off-line<sup>9</sup>. No ano de 2015, por exemplo, foi organizado um encontro interestadual entre gordinhas e admiradores dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo e, atualmente, verifica-se que a quantidade destes encontros vem aumentando em outras cidades como Vitória, Belo Horizonte e Salvador<sup>10</sup>.

O ajuntamento dos corpos gordos, para essas mulheres, vem operacionalizando um maior acesso a certos circuitos da cidade. Espaços de sociabilidade, lazer e áreas abertas, por sua vez, se demonstram não mais como de constrangimento a esses corpos, mas como espaços a serem conquistados e ocupados.

---

inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família. Em todos esses exemplos de estigma, entretanto, inclusive aqueles que os gregos tinham em mente, encontram-se as mesmas características sociológicas: um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode se impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Ele possui um estigma, uma característica diferente da que havíamos previsto. Nós e os que não se afastam negativamente das expectativas particulares em questão serão por mim chamados de normais.” (GOFFMAN, 1981 p.0809)

<sup>8</sup> A socióloga inglesa Charlotte Cooper (2008) denomina o chamado Fat Activism (Ativismo Gordo) como um discurso alternativo sobre a obesidade que procura se contrapor aos discursos médico (intervencionista/operatório) e o discurso popular (pejorativo que associa a gordura em excesso a uma falta pessoal e/ou de caráter de pessoas acima do peso dito “normal“)

<sup>9</sup> França (2012) chama atenção para como plataformas on-line (virtuais) possibilitariam interações off-line (físicas/presenciais) tanto entre os interlocutores pesquisados quanto um estreitamento de laços com o próprio pesquisador (p.40-41).

<sup>10</sup> Em uma entrevista recente, Carolgg (nome fictício), revelou fazer parte de uma rede de mais de cem administradoras *gordinhas* espalhadas pelo país. Tal rede, por sua vez, tem por funções: 1) organizar encontros de gordinhas e admiradores OU auxiliar na divulgação dos eventos; 2) em conjunto com admiradores devem procurar perfis falsos de homens que se dizem admiradores mas que praticam extorsão financeira e/ou emocional de gordinhas ou que sejam casados e não revelem essa situação; 3) prevenir bullying nas páginas de encontros das gordinhas; 4) banir mulheres magras heterossexuais dos grupos das gordinhas; 5) algumas administradoras são profissionais da psicologia e mesmo da justice e auxiliam voluntariamente outras gordinhas que tenham sido vítimas de violência, ameaças e ofensas virtuais; 6) prestar ajuda de locomoção para gordinhas que venham fora da cidade onde se realizará o encontro.

No segundo semestre de 2015, o encontro de um dos grupos de gordinhas foi em uma praça de alimentação de um famoso shopping center da Zona Leste da cidade de São Paulo. Em conversas anteriores, algumas interlocutoras, expressaram os desconfortos de se estar em espaços como estes. A ingestão de alimentos, por sua vez, é alvo de constantes olhares moralizadores: o corpo gordo não tem direito a ocupar aquele espaço consagrado a uma alimentação mais “despojada”. Cerca de 20 gordinhas compareceram ao encontro na praça de alimentação e em conjunto, reproduzindo os espaços criados em encontros anteriores, o número de corpos grandes presentes reverteu, para algumas delas, os olhares de reprovação. Conforme nos foi dito após o encontro: “um monte de mulher gorda junta dá medo! Os magros ficam com medo mesmo”. Falaremos mais sobre a sociabilidade e identidade das gordinhas abaixo.

O ser gordinha, também, vai além de uma questão corporal estrita. Entre os grupos pesquisados, existe uma subdivisão entre *gordinhas* e *operadas* sendo esta última categoria autodenominada possuidora do “ser gordinha mesmo não sendo mais”. Identificação, comportamento e sociabilidade, assim, tem seus aspectos ampliados para além do corpo físico e se torna simbólico complexificando hierarquias e espaços sociais possíveis<sup>11</sup>.

## **2. A gordura, o corpo e identidade**

Segundo Marcel Mauss (2002), o primeiro instrumento do homem é seu corpo. É através deste que a sociedade molda seus partícipes a um determinado conjunto de técnicas, que o autor define como eficazes e tradicionais, e que integradas aos fatores psicológicos (denominadas de *engrenagens* do mundo social) e fisiológicos resultam em uma montagem de campos simbólicos comuns a que todos os membros de um determinado grupo possuem. O corpo, assim, encontra-se condicionado à uma relação

---

<sup>11</sup> Após passar intervenções cirúrgicas, as operadas, podem continuar a ir aos encontros mas precisam observar certas regras de sociabilidade. Não pode se referir as gordinhas de maneira pejorativa ou superior, fazer ataques ou comentários dúbios e, principalmente, não pode ser percebida como tentando ocupar espaço central dentro do grupo que deve ser liderado por uma gordinha não operada.

entre social, fisiológico e psicológico e análises que não levem em conta esses três fatores seriam, para Mauss, caracterizadas por um reducionismo extremo.

O corpo, assim, ao se tornar um objeto de pesquisa antropológica sofre um processo de desnaturalização e é compreendido como um instrumento universal dos homens e que é passível de educação cultural e de aprendizagem social (SCHWARCZ, 2000). A humanidade é composta de diversidade. As técnicas do nado, de andar, se portar em público, de falar e outras tantas tidas como naturais do homem sofrem mudanças sociais e históricas constantes e as maneiras pelas quais nos relacionamos com nossos corpos também.

Não só as estratégias pelas quais os homens se servem de seus corpos mudam como também os próprios corpos vêm sofrendo processos rápidos e significativos de transformação. O aumento da estatura, aumento de peso e maiores expectativas de vida de uma população podem ser associados a graus de desenvolvimentos social e econômico situados historicamente. Tais variações ainda podem ser diferenciadas por classe social, raça e gênero (TILLY, ano, pg). Assim, no contexto brasileiro, os corpos vêm sofrendo uma inúmera série de mudanças recentes nos últimos trinta anos foram registradas tanto alterações de estatura quanto de peso em todas as regiões do Brasil<sup>12</sup> e problemáticas sobre como tais corpos e suas mudanças devam ser tratados.

Paradoxalmente ao aumento dos corpos de homens, mulheres e crianças, a partir da segunda metade do século XX, o corpo magro surge como um padrão de distinção social e econômica. Para o historiador francês Gérard Vincent (2009) o corpo magro aparece inicialmente entre as elites europeias que enxergam na verticalidade do homem uma das maneiras se destacar socialmente. A magreza associada à verticalidade do caminhar, amplamente trabalhados socialmente junto aos filhos da elite, forneceriam mecanismos tanto de distanciamento da imagem do burguês *barrigudo* quanto do andar

---

<sup>12</sup> Pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde, no ano de 2011, aponta de 64% dos brasileiros estão acima do peso considerado ideal dos quais 15% se encontrariam no estágio de obesidade (ALENCASTRO, C. 2011)<Disponível Em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/saude/quasemetadedosbrasileirosestaacimadopesoindicapesquisa4605834>>

torto e desbalanceado das classes trabalhadoras. A indústria do “modelo de magreza”, assim, é possibilitada por uma sociedade da abundância de ingestas<sup>13</sup> que responsabiliza os indivíduos pelos corpos que possuem. Se os corpos femininos das elites europeias foram os primeiros a sofrerem os efeitos da dietética da magreza, a grande mídia, será a primeira a disseminar esses receituários para públicos mais amplos<sup>14</sup>.

Pierre Bourdieu (2002), argumenta que os usos do corpo e seus portes (tamanho, curvatura, etc) sofreriam processos de naturalização, ou seja, seriam considerados como os mais naturais dos atributos humanos. Em sua análise sobre a formação do habitus e dos estilos de vida, o autor, demonstra como o corpo, socialmente construído, é também passível de sofrer um reconhecimento social por outros membros da sociedade. Assim, o investimento em produtos de beleza, academias de ginástica e concepções sobre estágios de vida sofrem consideráveis mudanças ao depender do estrato social pesquisado. A leveza do corpo das mulheres burguesas é contrastada com a corpulência do corpo feminino das classes trabalhadoras. Alimentos que privilegiam a forma, ou seja, a ingestão de gordura, carboidratos, carne de porco e toucinho são privilegiados pelas classes trabalhadoras e camponesas enquanto alimentos que privilegiam a substância, ou

---

<sup>13</sup> Fraser (2009) aponta que a mudança de pólos do padrão de beleza, no contexto norteamericano, teria ocorrido entre os anos de 1880 e 1920. Esse período, marcado por um intenso fluxo imigratório teria forçado e em conjunto com uma intensa industrialização possibilitou um maior acesso a bens alimentícios. Com a maior quantidade de ingestão os corpos aumentaram e a gordura corporal teria deixado de ser um sinal de prestígio social e o seu oposto, por sua vez, tornou-se um distanciador social. Do excesso passou para o autocontrole. É a partir deste momento que se desenvolve, naquele país, uma série de técnicas e estudos médicos sobre perda de peso e estratégias de medição calórica dos alimentos.

<sup>14</sup> Gérard Vincent, ao pensar o contexto francês, demonstra como as dietéticas da magreza do pós Segunda Guerra possuem, em número absoluto, origens norteamericanas. O aumento corporal da população dos E.U.A., principalmente da geração dos anos 60, é paralelo ao aumento dos esforços médicos na produção de conhecimentos clínicos sobre a obesidade e suas patologias. Assim, vê-se a proliferação de pesquisas clínicas e, em paralelo, o surgimento da indústria do *fitness* (bemestar) e de suas mais diversas técnicas de emagrecimento (*aerobics*, *gymtonic*, *energic dance*) amparados por amplos destaques midiáticos em revistas (a maioria voltada para o público feminino), programas de televisão diários e, posteriormente, através da transmissão de grandes eventos esportivos como Olimpíadas e Copas do Mundo (VINCENT, 2002, p. 285286).

<sup>19</sup> <sup>22</sup> Mirian Goldenberg (2002) assinala que o corpo *fora de forma* denotaria características sociais negativas aos seus donos. Assim, se um corpo *sarado* demonstraria sucesso pessoal, esforço, confiança e investimentos significativos de tempo e de somas financeiras o corpo obeso seria atrelado às classes sociais mais populares, preguiça, baixa estima e descuido de si

seja, possuem menores quantidades calóricas, são preferidas pelas altas classes burguesas (BOURDIEU, 2002, p. 168-170). Ao escrever sua obra premiada, *A Distinção*, Bourdieu, não presenciava uma expansão de possibilidades de consumo de produtos estéticos (na França da década de 70) em que o próprio corpo se tornaria um produto com valores a serem investidos para sua produção e modelação para inserção em alguns padrões sociais e grupos sociais distintos. O corpo saudável e virtuoso, a *boa forma*, tornam-se *evangelhos* contemporâneos em que a gordura, vista quase como uma doença, deve ser totalmente afastada (GOLDEMBERG, 2002, p. 2830).

A gordura corporal em excesso vem sofrendo tentativas de afastamento constante do cotidiano. Apesar de uma exibição maior e mais frequente dos corpos a partir dos anos 90 os corpos *fora de forma*<sup>15</sup> devem ser escondidos e mostrados com parcimônia. Academias de ginástica, dietas milagrosas, intervenções corporais cirúrgicas e não cirúrgicas estariam disponíveis aos que delas quiserem dispor. O sedentarismo e a falta de vontade pessoal de *melhorar* a qualidade de vida através de uma experimentação *saudável* do corpo tornam-se inimigos privilegiados para a produção de discursos médicos<sup>16</sup> e midiáticos sobre o corpo e, subjetivamente, sobre as personalidades de seus portadores.

A obesidade<sup>17</sup>, classificada desde 1975 pela Organização Mundial da Saúde, como um problema de saúde pública mundial vem sendo posicionada, primeiro na mídia e posteriormente entre um público mais amplo, como um estado a ser combatido. O corpo

---

<sup>15</sup> Mirian Goldenberg (2002) assinala que o corpo *fora de forma* denotaria características sociais negativas aos seus donos. Assim, se um corpo *sarado* demonstraria sucesso pessoal, esforço, confiança e investimentos significativos de tempo e de somas financeiras o corpo obeso seria atrelado às classes sociais mais populares, preguiça, baixa estima e descuido de si.

<sup>16</sup> Em um extenso levantamento de pesquisas sobre obesidade e imagem corporal nas ciências médicas, Ferreira (2014), faz uma descoberta interessante. Entre os anos de 2001 e 2012 foram realizadas, no Brasil, cerca de 229 pesquisas. Destas, 33 pesquisas ocorreram no período de 2001 a 2007 e outras 196 pesquisas ocorreram entre 2008 e 2012. Ainda dentro deste universo pesquisado, as populações alvos das pesquisas podem ser divididas em: adolescentes e adultos (divisão etária preponderante e com menor destaque para crianças e idosos) e em sua grande maioria foram os corpos de mulheres os investigados (quase 90% dos dados produzidos).

<sup>17</sup> É interessante observar que os grupos da *gordinhas* em nenhum momento se auto-referenciam enquanto obesas (categoria médica). Tal terminologia, por sua vez, aparece em discursos relacionados a motivações cirúrgicas entre as *operadas* e opera uma relação causa-efeito para justificar o procedimento médico. Entre os grupos norte-americanos, por sua vez, a terminologia *obese* (em inglês) raramente é utilizada em grupos de *fat activism*, pois se considera que o termo seria uma imposição médica de controle sobre corpos fora do padrão.



magro e, preferencialmente branco, é contraposto a corpos grandes. A vitalidade física, tida como inerente a um bom estado de saúde, é posicionada em oposição ao sedentarismo e a falta de vontade de mudança individual daqueles indivíduos cujos corpos não se adaptam aos padrões idealizados de beleza e tamanho corporais (NOVAES, 2011; ALVES, 2007).

Dirce de Sá Freire nos alerta que na História da Alimentação, a história do Ocidente é a história da fome (2001, p.455456). A escassez de alimentos para os diversos grupos sociais era uma constante e que até meados do século XX a fome se mostrava como um perigo real e constante entre as mais diversas sociedades. Assim, se nos dias atuais a profusão de alimentos é maior, também o é seu consumo. Novas tecnologias de produção, preços mais baixos para os mais diversos tipos de ingestas, especialmente produtos industrializados, vêm marcando uma mudança significativa nos hábitos alimentares de diversas sociedades<sup>18</sup>

A ingesta de alimentos e seu compartilhamento em grupos, por sua vez, se configuram como processos sociais e históricos<sup>19</sup>. O comer não é só mediado pelo alimento físico que se ingere, mas também por quem o ingere e como se ingere. A alimentação, assim, pode se configurar em campo de análise de microcosmos sociais, históricos e de relações de gênero para pesquisadores e interessados em geral (FLANDRIN, 1998; CARNEIRO, 2003; BOURDIEU, 2006, p.179181).

---

<sup>18</sup> Atualmente, de acordo com a Organização Mundial da Saúde, existiriam mais pessoas diagnosticadas com algum tipo de obesidade do que diagnosticadas como desnutridas. De acordo com a OMS, esses dados, apontariam para duas situações paradoxais: a desnutrição entre crianças de regiões pobres do planeta em contraposição a uma falta de conhecimento sobre uma alimentação saudável por adultos e crianças, especialmente, em países em desenvolvimento. Esta organização transnacional, por sua vez, iniciou um programa global com seus Estados membros de combate à obesidade e à desnutrição focando suas ações em crianças (idades entre 01 e 12 anos). (OMS, GLOBAL TARGETS, [http://www.who.int/nutrition/topics/nutrition\\_globaltargets2025/en/](http://www.who.int/nutrition/topics/nutrition_globaltargets2025/en/))

<sup>19</sup> Conforme nos alerta Carlos Roberto Antunes do Santos (2005) “O alimento constitui uma categoria histórica, pois os padrões de permanência e mudanças dos hábitos e práticas alimentares têm referências na própria dinâmica social. Os alimentos não são somente alimentos. Alimentar-se é um ato nutricional, comer é um ato social, pois constitui atitudes ligadas aos usos, costumes, protocolos, condutas e situações. Nenhum alimento que entra em nossas bocas é neutro” (SANTOS, 2005, p.02).

Com o desenvolvimento dos saberes médicos, conforme nos apresenta Foucault (2011), diversas personagens vão sendo produzidas e inscritas no cotidiano das sociedades ocidentais. O doente, figura essa que surge com força a partir do século XIX, passa a ser inscrito dentro do saberpoder das disciplinas médicas que, por sua vez, ao iniciarem um intenso processo discursivo de classificação e diagnostificação dos mais diversos indivíduos produzem, paradoxalmente, um processo inverso: o da exclusão de certos grupos sociais (FOUCAULT, 2011, p.6263). A produção destes corpos abjetos, ou seja, corpos inscritos material e simbolicamente dentro de uma matriz cultural de inteligibilidade que não os aceitaria, tornase assim, objeto de pesquisa e, ao mesmo tempo, transforma excluídos em grupos com algum tipo de reconhecimento possível (BUTLER, 2001, p.161).

Paul Rabinow (1999) propõe a possibilidade de se pensar redes de sociabilização e identitárias baseadas nos novos saberes e variáveis biológicos. Assim, nos diz o autor:

“No futuro, a nova genética deixará de ser uma metáfora biológica para a sociedade moderna, e se tornará uma rede de circulação de termos de identidade e lugares de restrição, em torno da qual e através da qual surgirá um tipo verdadeiramente novo de autoprodução: vamos chamá-lo de biosociabilidade” (RABINOW, 1999, p.143).

Rabinow, assim, aponta para caminhos futuros em que categorias biológicas (ou “naturais”) seriam abertamente abraçadas pela cultura nublando essas fronteiras e assim novas subjetividades e atores sociais surgiriam e formariam redes complexas de sociabilidade e reafirmação identitária<sup>20</sup> tendo como ponto comum suas características biosociais.

---

<sup>20</sup> É interessante notar que se em diversos estudos a sociabilidade entre mulheres obesas é a categoria clínica de *obesidade* ou a categoria popular *gordinha* que em um primeiro momento opera um ponto identificador comum entre os diversos sujeitos da pesquisa. Assim, se em um primeiro momento é um estado clínico que promove uniões é pela própria negação desse diagnóstico que as identidades e subjetividades das gordinhas vão se formando e sendo negociadas.

A produção destes espaços de lazer e sociabilidade que possibilitam o surgimento de laços identitários, troca de informações médicas sobre cirurgias bariátricas<sup>21</sup> e de um mercado erótico entre seus frequentadores que, por sua vez, subvertem os chamados padrões idealizados de beleza e erotismo se configuram como problema antropológico para análise na medida em que relações de classe, gênero, raça, geração e performatividade estão em constante entrecruzamentos em uma intensa rede de relações que perpassa corpos e a cidade de São Paulo (FRANÇA, 2012; LEITE Jr, 2011; KULICK, 2012).

Quando comentando sobre o lazer, Magnani (2008), nos alerta que é preciso abranger nossa percepção tradicional sobre este conceito, ou seja, que as atividades realizadas em tempo livre não só representam uma reposição do tempo despendido na força de trabalho, mas também que funcionam como reafirmadoras de lealdades, reconhecimentos de pessoas, localidades e regras que solidificam redes de sociabilidade. O autor afirma:

“ (...) os momentos de lazer não podem ser considerados apenas por seu lado instrumental, passivo e individualizado ( ...) Isto porque, como a categoria *pedaço* (grifo do texto original) permitiu verificar, existe um componente afirmativo referido ao estabelecimento e reforço de laços de sociabilidade, desde o núcleo familiar até o círculo mais amplo que envolve amigos, colegas, 'chegados' (no âmbito do *pedaço*) e desconhecidos(fora do pedaço)” (MAGNANI, 2008, p.33)

A ação de ocupar fisicamente espaços da cidade com corpos abjetos, conforme explicitado acima, é por nós compreendida como uma estratégia de visibilização e reconhecimento identitário por parte de *gordinhas* e *admiradores*. Os corpos em evidência, corpos esses normalmente anônimos e no jogo constante de esconder as partes

---

<sup>21</sup> De acordo com a Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica e Metabólica (SBCBM), atualmente, existem quatro tipos de intervenções cirúrgicas disponíveis: 1) Bypass Gástrico; 2) Banda Gástrica; 3) Gastrectomia Vertical; 4) Duodenal Switch (fonte: <http://www.scbcm.org.br/wordpress/tratamento-cirurgico/cirurgia-laparoscopica/s>). Não é intenção desta pesquisa inventariar práticas médicas de perda de peso, logo, não nos aprofundaremos nesta temática.

em excesso no cotidiano da vida urbana, conforme explica Mirian Goldenberg, desobedecem, ao se juntarem em espaços públicos, normas tácitas dos valores contemporâneos sobre o corpo e a saúde: valores como indecência e imoralidade já não perpassam exclusivamente a nudez do corpo, mas antes as formas que são mostradas em público<sup>22</sup>.

### 3. CONCLUSÕES PRELIMINARES

O trabalho de campo realizado nos permitiu, até o momento, verificar que marcadores sociais da diferença (raça, classe, idade, entre outros) se associam diretamente na constituição de uma biossociabilidade conforme proposta por Rabinow. Assim, se o grupo de gordinhas pesquisado é composto em sua maioria por mulheres brancas entre seus trinta e quarenta anos, funcionárias públicas o grupo de admiradores é composto por uma imensa maioria de homens negros com ocupações e lugares de moradia mais afastados do centro urbano. Se uma identidade ou melhor necessidade de criar espaços de encontro entre as *gordinhas* surgiu como espaços de trocas de peças de vestuário e de saberes médicos é uma identificação posterior de seus corpos e *reconhecimento social externo* (o ser gorda) que possibilita um espaço de auto-reconhecimento e posituação de corpos tidos como abjetos. Mesmo corpos de “ex-gordas” por fora mas gordinhas por dentro” encontram espaço e guarida nestes grupos mas não sem dissenso.

Desta maneira, logo nas primeiras idas a campo já foi possível reparar que existe uma subclassificação entre as *operadas* que é acionada pelas *gordinhas*. Para estas últimas, as *operadas*, podem ser divididas em duas categorias: i) as operadas que fizeram intervenção cirúrgica por necessidades médicas e de saúde; ii) as *operadas* que fizeram

---

<sup>22</sup> "Pode-se dizer que, sob a moral da 'boa forma', um corpo trabalhado, cuidado, sem marcas indesejáveis (rugos, estrias, celulites, manchas) e sem excessos (gorduras, flacidez) é o único que, mesmo sem roupas, está decentemente vestido (...) a gordura surge como inimiga número um da 'boa forma', quase uma doença (...) nesta cultura que classifica, hierarquiza e julga a partir da forma física, não basta não ser gordo (a) - é preciso construir um corpo firme, musculoso e tônico, livre de qualquer marca de relaxamento ou de moleza" (GOLDENBERG, 2002, p.30-31).

intervenções cirúrgicas por razões estéticas, ou seja, deixaram de ser fisicamente gordinhas mas mantiveram o *ser gordinha* e por isso são aceitas ainda no grupo. Isso não significa que a convivência seja pacífica em todos os momentos e grupos diferentes se formam sempre que conflitos não conseguem ser resolvidos. Conforme nos diz Gilberto Velho (2013):

“... em toda vida social existe a permanente possibilidade do dissenso. Assim, em vez de partir de uma hipotética ‘normalidade harmoniosa’, tem-se de admitir a permanente existência de contradições. Estas podem manifestar-se, em nível mais amplo (...) manifestam-se também no nível microsocial (...)”  
(p.53)

Por último, é preciso compreender que o próprio campo semântico das *gordinhas*, conforme descrito acima, em um primeiro momento apresentou um grande afastamento daquele utilizado por grupos feministas de ativismo gordo. Para alguns deste grupo, em sua maioria de ativistas oriundas da universidade, o termo *gordinha* e *admirador* esconderiam significados subjacentes: *gordinha* operacionalizaria um nublamento da questão gorda pois transformaria em algo carinhoso/afetivo o que socialmente não é visto como tal e *admirador* implicaria uma fetichização ou objetificação dos corpos de mulheres gordas. Até o onde se foi visto, os grupos da *gordinhas* acompanhados não vem fazendo uso constante de terminologias e conceitos do(s) feminismo(s) em larga escala, mas já é possível ver certos encontros<sup>23</sup>: o uso do adjetivo gordo/gorda já é utilizado algumas vezes mas, de acordo com o que foi possível analisar, a palavra é mais utilizada em situações de escárnio e/ou conflito entre as *gordinhas* com pessoas magras: “sou gorda sim e daí?” inclusive se tornou uma resposta mais comum em postagens tidas como gordofóbicas.

O texto aqui apresentado apresentará observações preliminares, pois a pesquisa ainda está em andamento, logo, não se propõe ao leitor o fechamento de questões, mas a proposição de caminhos possíveis de análise.

---

<sup>23</sup> No ano de 2016 ocorreu o encontro “Vai Ter Gorda Na Praia” na cidade de Praia Grande. O evento, organizado via redes sociais, foi chamado por uma administradora de página sobre gordofobia e ganhou grande destaque na imprensa sendo reproduzido em outras cidades litorâneas do país. Vale ressaltar aqui que a organizadora do primeiro evento participa dos movimentos feminista e negro de sua cidade e vem se tornando uma referência na rede entre as *gordinhas* sobre debates feministas.

## 7.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. **Antropologia da Cidade**:lugares, situações, movimentos. São Paulo: Terceiro Nome, 2011. AUGÉ, Marc. **Por Uma Antropologia da Mobilidade**.Maceió. UNESP/EDFAU, 2010.

ALVES, Geisa Pereira. **Corpos no Espelho**:um estudo antropológico sobre as construções corporais através das cirurgias plásticas na cidade de Natal. 2007. 134 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de PósGraduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

ALENCASTRO, Catarina. **Quase Metade dos Brasileiros está Acima do Peso**.O Globo, 10 abr, 2011. Disponível em:[http://oglobo.globo.com/sociedade/saude/quasemetadedosbrasileirosestaacimadopesoindicap\\_esquisa4605834](http://oglobo.globo.com/sociedade/saude/quasemetadedosbrasileirosestaacimadopesoindicap_esquisa4605834)Acesso em: 10 jun 2014.

BENEDETTI, Marcos. **Toda Feita**:O Corpo e o Gênero das Travestis. Rio de Janeiro, Garamond, 2005.

BETTI, Marcela. **Gênero e Consumo no Mercado de Moda PlusSize**.Artigo apresentado no décimo Fazendo Gênero. Florianópolis, UFSC. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1385484239\\_ARQUIVO\\_MarcellaUcedaBetti.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1385484239_ARQUIVO_MarcellaUcedaBetti.pdf)>. Acesso em: 10 jun 2014.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. **Àmeialuz: uma etnografia em clubes de sexo masculinos**. Goiânia: Editora UFG, 2012.

BOURDIEU, Pierre. A Distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre; Zouk, 2002.

BURGARD, D. What is 'Health at Every Size?'. In. **The Fat Studies Reader**.ROTHBLUM, E, SOLOVAY, S (org). Nova Iorque: New York University Press, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**.3.ed.São Paulo: Civilização Brasileira, 2013.

BUTER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo". Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **Ocorpo educado**.Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p. 151172.

CARNEIRO, Henrique. O Corpo Sedento: bebidas na História do Brasil. In: DEL PRIORE, Mary. AMANTINO, Marcia(org.). **História do Corpo no Brasil**.São Paulo, UNESP, 2011.

CECCHETTO, Fátima. FARIAS, Patrícia. "Tu Mora Onde?": território e produção de subjetividade no espaço urbano carioca. In: **Cidade**:olhares e trajetórias. Rio de Janeiro: Garamond/FAPERJ, 2009.

COOPER, Charlotte. What's Fat Activism?. Limerick,**Department of Sociology Working Papers**,2008. Disponível em:< <http://www3.ul.ie/sociology/docstore/workingpapers/wp200802.pdf>>

ERNSBERGER, P. Does Social Class Explain the Connection Between Weight and Health?. In. **The Fat Studies Reader**.ROTHBLUM, E, SOLOVAY, S (org). Nova Iorque: New York University Press, 2009. FACCHINI, Regina. **Entre umas e outras**:mulheres, (homo) sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo.

Tese de Doutorado, Programa de PósGraduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

FAT MANIFESTO. San Francisco, 1973. Disponível em: < <http://laurenyay.tumblr.com/post/8711705310/fatliberationmanifesto>> . Acesso em: 10 jun

2015.

FERREIRA, Vanessa Alves. MAGALHÃES, Rosana. O Corpo Cúmplice da Vida: considerações a partir dos depoimentos de mulheres obesas de uma favela carioca. *Ciência e Saúde Coletiva*, n. 11, v. 2, abril/jun 2006. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=63011225>>. Acesso em: 14 jun 2014.

FLANDRIN, JeanLouis; MONTANARI, Massimo. **História da Alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

FRANÇA, Isadora. **Consumindo Lugares, Consumindo nos Lugares**: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

FRANÇA, Isadora Lins. Cercas e Pontes. **O Movimento GLBT e o Mercado GLS na Cidade de São Paulo**. Dissertação de mestrado, Antropologia Social. São Paulo, USP, 2006.

FRASER, L. The Inner Corset: a brief history of Fat in the USA. In: **The Fat Studies Reader**. ROTHBLUM, E, SOLOVAY, S (org). Nova Iorque: New York University Press, 2009.

FREIRE, Dirce de Sá. Com Açúcar, Sem Afeto. In: DEL PRIORE, Mary. AMANTINO, Marcia (org.). **História do Corpo no Brasil**. São Paulo, UNESP, 2011.

FRÚGOLI, Heitor. Sociabilidade Urbana. Coleção Passo a Passo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

1982. FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988. GEERTS, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOFFMAN, E. (1975). Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes (Trad.). Rio de Janeiro: LTC. 1981.

KULICK, Don. Porn. In: **FAT: the anthropology of obsession**. Nova Iorque: Penguin, 2005.

LEITE Jr, Jorge. **Nossos Corpos Também Mudam**: a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. São Paulo. Annablume, 2011.

MACHADO, Sérgio Bacchi. Foucault: a loucura como figura histórica e sua delimitação nas práticas psiquiátricas e psicanalíticas. **Ágora**, Rio de Janeiro, n.2, jul/dez. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151614982009000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151614982009000200004)>. Acesso em: 15 jun 2014.

MAGNANI, Guilherme C. TORRES, Lilian de Lucca. **Na Metrópole**: textos de antropologia urbana. 3.ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. DE PERTO E DE DENTRO: notas para uma etnografia urbana. In: RBCS Vol. 17 n° 49 junho/2002.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: \_\_\_\_\_ **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p.399-422.

MCCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial**: raça, gênero e sexualidade no embate colonial. Campinas. Unicamp, 2010.

MONTARDO, Sandra Portella. Redes Temáticas na Web e Biossociabilidade Online. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v.17, n.3, set/dez.2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/8197/5886>> . Acesso em: 18 jun 2014.

NOLETO, Rafael da Silva. O que é que uma diva tem? Cantoras brasileiras, vozes, corpos e poderes vistos por entendidos. **Cadernos de Campo**, São Paulo, 21, 21, p.4563, dez, 2012.

NOVAES, Joana de Vilhena. Beleza e Feiura: corpo feminino e regulação social. In: DEL PRIORE, Mary. AMANTINO, Marcia (org.). **História do Corpo no Brasil**. São Paulo, UNESP, 2011.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e Desejo**: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. São Paulo. Annablume/FAPESP, 2009.

PERES, William Siqueira. Biossociabilidade Contemporânea e a Expressão Travesti. **Revista de Psicologia da**

UNESP, Assis, n. 1, v.1, 2002. Disponível em : <  
<http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/viewFile/6/16>>. Acesso em: 19 jun 2014.

RABINOW P. (1999). Artificialidade e iluminismo: Da sociobiologia à biossociabilidade. In P. Rabibow. **Antropologia da razão: Ensaio de Paul Rabinow**(pp. 135-157). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

RUI, Taniele Cristina. **Corpos Abjetos**: etnografia em cenários de uso e comércio de crack. 2012. 355 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de PósGraduação em Antropologia Social, Universidade Estadual de

Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: <  
[http://www.neip.info/downloads/Taniele\\_Rui\\_Tese.pdf](http://www.neip.info/downloads/Taniele_Rui_Tese.pdf)>. Acesso em: 17 jun 2014.

ROTHBLUM, E. D. Fat Studies. In: **The Oxford Handbook of the Social Science of Obesity**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 173-183).

SANTOS, Carlos Roberto Antunes do. Alimentação e seu Lugar na História: os tempos da memória gustativa. **História: Questões e Debates**, Curitiba, n.42. Editora: UFPR, 2005. p. 1131.

SANTOS, Flávia Martins do. GOMES, Suely Henrique. Corpo e Subjetividade no Ciberespaço: um estudo sobre os avatares no Second Life. **Anais eletrônicos do II Simpósio Nacional da ABCiber Associação Brasileira de**

**Pesquisadores em Cibercultura** PUCSP, 2008. Disponível em:  
<<http://www.cencib.org/simposioabciber/PDFs/CC/Flavia%20Martins%20dos%20Santos%20e%20Suely%20Henrique%20Gomes.pdf>>

SIMMEL, Georg. **Questões Fundamentais de Sociologia**. Rio de Janeiro. Zahar, 2006.

SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins; MACEDO, Márcio. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. **Cadernos Pagu**, Campinas, v.35, julho de 2010. OLIVEIRA, Leandro de. Diversidade Sexual e Trocas no Mercado Erótico: gênero, interação e subjetividade em uma boate na periferia do Rio de Janeiro. In DÍAZBENÍTEZ (org). **Prazeres Dissidentes**. Rio de Janeiro, Garamond, 2009.

TILLY, Charles. **Durable Inequality**. Califórnia: University of California Press, 1998.

VELHO, Gilberto. Um Antropólogo na Cidade: ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

VINCENT, Gérard. Uma História do Segredo?. In: **História da Vida Privada 5**: da primeira guerra a nossos dias. PROST, Antoine. VICENT, Gérard (org). São Paulo: Cia das Letras, 2009.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global Targets: 2025**. Disponível em:<  
[http://www.who.int/nutrition/topics/nutrition\\_globaltargets2025/en/](http://www.who.int/nutrition/topics/nutrition_globaltargets2025/en/)> Acesso em: 20 jun 2014.

Anexo I



## MANIFESTO DE LIBERTAÇÃO GORDA (1973)<sup>33</sup>

1. NÓS acreditamos que pessoas gordas possuem direitos ao respeito humano e à aceitação.<sup>34</sup>
2. NÓS estamos indignadas com a exploração por interesses comerciais e sexicistas. Estes interesses exploraram nossos corpos como objetos de sátira que, por sua vez, criam um imenso e lucrativo mercado de falsas promessas que oferecem tanto o afastamento quanto um alívio daquilo que é satirizado.
3. NÓS vemos nossa luta como uma luta conjunta de outros grupos que lutam contra o classismo, racismo, sexicismo, preconceito por idade, exploração financeira e o imperialismo.
4. NÓS exigimos direitos iguais para as pessoas gordas em todos os aspectos de suas vidas conforme o prometido pela constituição dos Estados Unidos da América. Exigimos acesso a produtos e serviços públicos e o fim da discriminação contra pessoas gordas no acesso a empregos, educação, equipamentos públicos e nos serviços de saúde.
5. NÓS elegemos como nossos inimigos de destaque as indústrias da “perda”. Esses setores incluem associações de dieta, clínicas de redução, spas, especialidades médicas voltadas ao combate à gordura, livros de dieta, comidas de redução de peso, inibidores alimentares, intervenções médicas, medicamentos e quaisquer equipamentos que visem “reduzir” nossos corpos.

NÓS exigimos que essa indústria assuma a responsabilidade por suas falsas promessas e reconheçam que seus produtos são perigosos para a saúde pública. Exigimos que publiquem estudos provando estatisticamente a eficácia de seus produtos. Exigimos esses dados sabendo que cerca de 99% que todos os programas de redução de peso, quando comparados em um período de cinco anos, resultam em fracasso e também que já foram comprovados prejuízos (para a saúde) quando ocorrem grandes mudanças frequentes de peso.

<sup>33</sup> O Fat Liberation Manifesto foi publicado em 1973 por um grupo de feministas que defendiam a autonomia e libertação dos corpos gordos. Radicadas em San Francisco (EUA), as autoras, obtiveram relativo destaque quando de seu lançamento e o documento é considerado um dos marcos dos movimentos afirmativos gordos daqueles país.

<sup>34</sup> Tradução livre realizada pelo autor. O texto final da tradução ainda está em aberto, mas será lançado em breve em uma página virtual que luta contra a gordofobia no Brasil.

6. NÓS repudiamos a “ciência” mística que falsamente nos declara fora de fora. Essa mesma ciência tem causado e defendido discriminação contra nós ao mesmo tempo em que está de conluio com os interesses financeiros de segurados, com a indústria da moda, com a indústria da perda de peso, a indústria alimentícia e de medicamentos e como organizações médicas e psiquiátricas.

7. NÓS nos recusamos a sermos subjulgadas aos interesses de nossos inimigos. Nós abertamente declaramos nossa vontade de recuperarmos o poder sobre nossos corpos e nossas vidas. Nós nos comprometemos a perseguir esses objetivos juntas.

PESSOAS GORDAS DO MUNDO, UNIVOS! VOCÊS NÃO TEM NADA A PERDER...

Por Judy Freespirit e Alderaban

Novembro, 1973

